

Como pagar a dívida

14 AGO 1984

por Pedro Lobato
de Belo Horizonte

O primeiro número que poderá balizar a renegociação da dívida externa brasileira, caso o governador mineiro Tancredo Neves chegue à Presidência da República, no próximo ano, foi dado a conhecer, ontem, pelo próprio candidato das oposições e da Frente Liberal. Esse balizamento, segundo Tancredo, seria feito pelas exportações: apenas 20%, ou até menos, das exportações, o que, a preços atuais, significaria algo em torno de US\$ 5 bilhões anuais destinados ao serviço da dívida.

Para Tancredo, a negociação não seria novidade. "O exemplo que nós temos a respeito é o da Inglaterra, que, logo depois da guerra, fixou em 20% de suas exportações o teto de recursos destinados ao pa-

gamento de suas dívidas, e todo o mundo aceitou", afirmou Tancredo. "No nosso caso, podiam ser 20 ou 10%, de acordo com nossa capacidade de pagamento, e nunca acima dela."

Tancredo Neves parece definitivamente disposto a realizar algumas mudanças no tratamento da questão econômica brasileira e, dentro dela, a dívida externa. "A economia brasileira tem desmentido todas as teses monetaristas de combate à inflação. Nós temos de examinar a inflação brasileira sob a luz de novas formas, novos critérios", disse ele.

A inflação, para Tancredo, estaria na base de todas as hipertrofias e anomalias brasileiras, provocando desajustamentos políticos, sociais e até morais. Ela seria, portanto, o problema número um. Mas, nem de



Tancredo Neves

longe, seu governo pretenderá atacá-la pela via da redução de demanda.

Aí se encaixaria, então, a necessidade, segundo Tancredo, "de investimentos, no financiamento do desenvolvimento interno, os recursos gerados pelos excedentes exportados". Ou seja, Tancredo quer comprometer menos do que o saldo comercial para pagar dívidas e aplicar o máximo na economia interna.

Além disso, a fixação de um teto em dólares para pagamento de dívidas aliviaria parcialmente a corrida para as exportações a qualquer preço. Tancredo deixou clara essa perspectiva ao dizer que a agricultura continuará prioritária, mas para alimentar o mercado interno. "Não aceitamos essa política que está muito em voga, de produzir grãos para fornecermos comida barata para o resto do mundo", disse ele.

Para essa renegociação da dívida externa, Tancredo Neves não inclui, em seus planos, a formação de um cartel de devedores. "A negociação em grupo pode

parecer politicamente melhor, mas não é. Primeiro porque há dificuldade para se encontrar um denominador comum e, depois, é praticamente impossível expressar o pensamento de um conjunto tão heterogêneo diante dos credores ou das potências credoras", disse Tancredo.

Tancredo Neves, que deixa hoje o governo de Minas Gerais, começa a sua campanha demonstrando confiança na adesão cada vez maior de políticos do PDS. Ontem, em entrevista coletiva, ele não economizou adjetivos para classificar seu oponente, o deputado Paulo Maluf, como a síntese "do pior que esses vinte anos nos trouxeram".

Tancredo tentou ligar a imagem do deputado paulista ao passado recente da política brasileira e, procurando uma forma de neutralizar eventuais ataques à diferença de idade entre os candidatos, criticou o discurso "oposicionista de Maluf e disse que agora se trata de pensar no futuro".

(Ver páginas 5 e 6)